

O partido se emocionou

Quando o senador Mário Covas deixou a tribuna do Auditório Nereu Ramos, às 12h30min. a bancada do PMDB, reunida para eleger o seu líder na Assembleia Nacional Constituinte, já não era a mesma de 20 minutos atrás. Estava emocionada.

Foi, na opinião de grande parte dos constituintes peemedebistas, um pronunciamento "denso, corajoso e honesto", baseado na disposição de que, "na minha idade, avô de dois netos, líder desse partido aos 35 anos, prefeito biônico da quarta cidade do mundo e senador eleito pelo povo de São Paulo, não me posso dar ao luxo de não dizer o que penso".

Ressaltando a postura sempre leal do presidente do PMDB, Covas criticou Ulysses Guimarães e o partido, pela eleição invertida das Mesas da Câmara e do Senado, antes da Mesa da Constituinte, aproveitando para atacar a acumulação de poder em mãos de uma única pessoa.

Foi também sob o ornamento de uma constatação elogiosa — a de que "não encontro no partido um quadro com a competência de Vossa Excelência" — que Mário Covas voltou a defender o afastamento de Ulysses Guimarães da presidência do PMDB, porque, "nesse momento, entre a competência sem tempo e a disponibilidade, acho que a disponibilidade serve melhor ao partido".

Sobre a questão da soberania, argumentou, "não se discute, se exerce". Condenou todo o processo que envolveu o assunto, começando por criticar a discussão do indiscutível, a sua negociação e, finalmente, a negação da soberania no Regimento Interno da Constituinte.

Aí virou-se — ele que se diri-

gia mais a Ulysses Guimarães — para o plenário e para a sua disposição de liderar o partido na Assembleia Nacional Constituinte, fundamentada na convicção de que o trabalho de elaboração constitucional precisa estar desvinculado do esquema governo/oposição. O líder na Constituinte, segundo Mário Covas, não deve e não pode ter assento no Conselho Político do Governo, assim como não deve existir, na Assembleia Nacional Constituinte, a Aliança Democrática. Porque, observou, "essa Constituição deve ser mais permanente que o tempo de duração de um governo".

Lembrou os nomes de grandes políticos com quem conviveu no Congresso Nacional, homens do quilate de Martins Rodrigues, Edgar Matta Machado, Pedroso Horta, o ex-presidente Tancredo Neves. "Vi homens cujos ossos são recolhidos agora, como Rubens Paiva".

"Eu vi grandes homens" — continuou —, "mas vi um homem que, como ninguém, personificou a resistência. Vi-o, em Salvador, enfrentar patas de cavalos e dentadas de cachorros".

Contou ter ouvido, de diversos constituintes o conselho para se afastar da disputa, porque é senador e paulista: "Fico sem saber se são qualidades ou defeitos. Mas são coisas das quais não posso me desvincular. Sou senador pela vontade do povo de São Paulo. Sou paulista porque meus pais me fizeram assim".

Também que não seria bonito um senador de oito milhões de votos perder uma eleição de líder de bancada: "Seria cômodo pendurar esse diploma na sala e me negar a qualquer confronto. Mas não seria digno, porque é preciso combater".